

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

A PSICOLOGIA COMO CIÊNCIA

e seu(s) objeto(s) de estudo 2

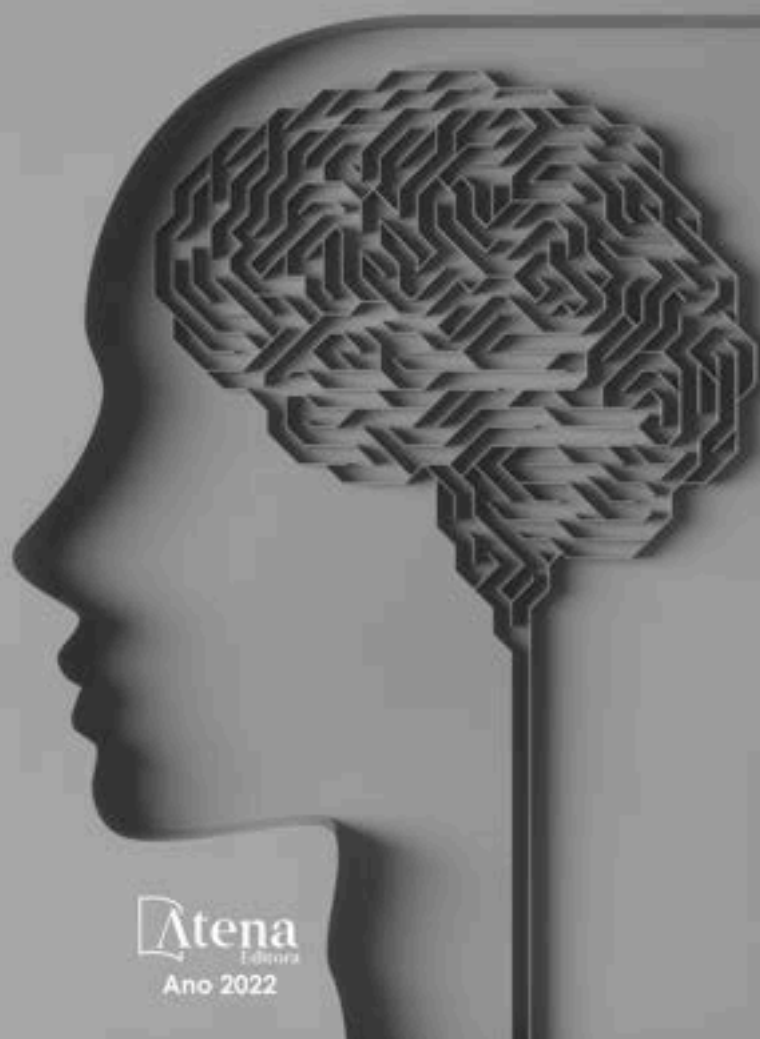


Atena
Editora
Ano 2022

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

A PSICOLOGIA COMO CIÊNCIA

e seu(s) objeto(s) de estudo 2



Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



A psicologia como ciência e seu(s) objeto(s) de estudo 2

Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P974 A psicologia como ciência e seu(s) objeto(s) de estudo 2 /
Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0403-3

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.033221708>

1. Psicologia. 2. Consciência. I. Ferreira, Ezequiel
Martins (Organizador). II. Título.

CDD 150

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editores
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A coletânea *A psicologia como ciência e seu(s) objeto(s) de estudo*, reúne neste volume doze artigos que abordam algumas das possibilidades metodológicas do saber psicológico.

A Psicologia enquanto campo teórico-metodológico traz em suas raízes tanto a especulação filosófica sobre a consciência, a investigação psicanalítica do inconsciente, quanto a prática dos efeitos terapêuticos da medicina e em especial da fisiologia.

E, desse ponto de partida se expande a uma infinidade de novas abordagens da consciência humana, creditando ou não algum poder para o inconsciente como plano de fundo.

A presente coletânea trata de algumas dessas abordagens em suas elaborações mais atuais como podemos ver nos primeiros capítulos em que se tratam do inconsciente em suas relações com os corpos, as contribuições socioeducativas entre outros olhares para o que é abarcado pelo psiquismo humano.

Em seguida temos alguns temas situacionais de nossa realidade imediata quanto aos efeitos psicológicos do isolamento social e o medo da morte.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira


SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A LINGUAGEM TERNA DE SÁNDOR FERENCZI COMO RECURSO DA RELAÇÃO ENTRE LEITOR E OBRA LITERÁRIA

Marcos de Moura Oliveira

Soraya Souza


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0332217081>

CAPÍTULO 2..... 10

A SAÚDE EMOCIONAL DOS TRABALHADORES RESGATADOS EM CONDIÇÕES ANÁLOGAS À DE ESCRAVO: CONTRIBUIÇÃO DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO NO COMBATE AO CICLO NOCIVO DA ESCRAVIDÃO CONTEMPORÂNEA

Nathalia Canhedo

Carlos Mendes Rosa


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0332217082>

CAPÍTULO 3..... 22

A RELAÇÃO TERAPÊUTICA AOS OLHOS DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Paola Eloisa Müller

Chancarlyne Vivian

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0332217083>

CAPÍTULO 4..... 31

A SAÚDE MENTAL DE MULHERES EM RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

Mary Kellen Domingos de Sousa


Juliana Silva Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0332217084>

CAPÍTULO 5..... 45

A VELHICE E SUAS POSSIBILIDADES DE SENTIDOS

Antônio de Castro Souza


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0332217085>

CAPÍTULO 6..... 61

DESAFIOS DA INCLUSÃO E A EDUCAÇÃO DO ALUNO COM TEA (TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA)

Brunna Sirqueira Braga Santos

Ezequiel Martins Ferreira






 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0332217086>

CAPÍTULO 7..... 78

PENSAR E AGIR EM COMUNIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA

Natália Helena da Silva Mendes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0332217087>

CAPÍTULO 8.....	88
CONVERSAS COM PROFESSORAS SOBRE AS POSSIBILIDADES DE ENFRENTAR A PATOLOGIZAÇÃO E A MEDICALIZAÇÃO DO COMPORTAMENTO HIPERATIVO	
Karla Paulino Tonus	
Bárbara Letícia Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0332217088	
CAPÍTULO 9.....	100
A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, NA ADOLESCÊNCIA, SOB O OLHAR DA ENFERMAGEM E DA PSICOLOGIA	
Iasminny Loiola Teixeira	
Letícia Ferreira de Amorim	
Brunna Nayara Alves Sousa Rolim de Sena	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0332217089	
CAPÍTULO 10.....	119
AVALIAÇÃO DE RISCO E PROTEÇÃO PARA USO DE DROGAS E VIOLÊNCIAS: UM MODELO EM ADAPTAÇÃO PARA O BRASIL	
Emerson Luiz Padilha Junior	
Renata Westphal de São Tiago	
Charlene Fernanda Thurow	
Daniela Ribeiro Schneider	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.03322170810	
CAPÍTULO 11.....	135
A ESPIRITUALIDADE E A SAÚDE MENTAL, UMA REVISÃO SOBRE A PSIQUIATRIA E ESPIRITUALIDADE/ RELIGIOSA	
Gabriel Turra Kuchiniski	
Gisele Berticelli Brandeleiro Locatelli	
Fernanda Camargo Paetzhold	
Patrícia Barth Radaelli	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.03322170811	
CAPÍTULO 12.....	146
PROJEÇÃO CONSCIENTE: ACELERADOR RECINOLÓGICO	
Katia Cilene Sousa Torres	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.03322170812	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	157
ÍNDICE REMISSIVO.....	158

CAPÍTULO 4

A SAÚDE MENTAL DE MULHERES EM RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

Data de aceite: 01/08/2022

Data de submissão: 07/07/2022

Mary Kellen Domingos de Sousa

Graduação em Psicologia pela Faculdade
Morgana Potrich - FAMP e Ciências Biológicas
pela Universidade do Estado de Mato Grosso –
UNEMAT. Especialização em Terapia Cognitivo
Comportamental pela Faculdade de Venda
Nova do Imigrante - FAVENI
Mineiros- Goiás
<http://lattes.cnpq.br/2333508387713005>

Juliana Silva Santos

Graduação em Psicologia pela Faculdade
Morgana Potrich - FAMP
Mineiros- Goiás

RESUMO: Esta pesquisa tem como ponto de partida o interesse em investigar a saúde mental de mulheres em relacionamentos abusivos, através das consequências dessa relação. Nesse trabalho foi definida a pesquisa na modalidade de Pesquisa Prática de Campo, com abordagem quantitativa e qualitativa. Delimitou-se a pesquisa a relações abusivas, retratando o abuso do homem para com a mulher. Esse objeto de estudo foi pensado a partir das dinâmicas das relações de gênero, que se iniciou através da observação das relações sociais entre os sexos, onde distinções biológicas genitais resultaram em desigualdade social. Essa violência caracterizou-se como simbólica, surgindo como um conceito social do qual é

abordado uma forma de violência, causando danos psicológicos e morais, sem força física. Associado à violência psicológica encontra-se o relacionamento abusivo, que é caracterizado com a perpetuação da violência através de via simbólica, ocorrendo de forma invisível e sutil, onde predomina o excesso de poder sobre o outro. Partindo desta noção, entende-se que inclui comportamentos não-físicos. Através da pesquisa pôde-se concluir que as consequências da relação abusiva se manifestam em todos os contextos da vida da mulher ao acarretar danos à saúde mental da vítima.

PALAVRAS-CHAVE: Relações de Gênero. Violência Doméstica. Relação Abusiva. Saúde Mental.

THE MENTAL HEALTH OF WOMEN IN ABUSIVE RELATIONSHIPS

ABSTRACT: This research has as its starting point the interest in investigating the mental health of women in abusive relationships, through the consequences of this relationship. In this work the research was defined as a field practical research, with a quantitative and qualitative approach. The research was delineated to abusive relationships, portraying the abuse of the man towards the woman. This object of study was thought from the dynamics of the relations of gender, which began by observing the social relations between the sexes, where genital biological distinctions resulted in social inequality. This violence has been characterized as symbolic, arising as a social concept of which is approached a form of violence, causing psychological and moral

damages, without physical force. Associated with psychological violence is the abusive relationship, which is characterized by the perpetuation of violence through a symbolic way, occurring in an invisible and subtle way, where the excess of power prevails over the other. From this notion, it is understood to include non-physical behaviors. Through the research it was possible to conclude that the consequences of the abusive relationship are manifested in all the contexts of the life of the woman in causing damages to the mental health of the victim. **KEYWORDS:** Gender Relationships. Domestic violence. Abusive Relationship. Mental health.

1 | INTRODUÇÃO

O conceito moderno de gênero surge em meados da década de 40 com a publicação do livro “Segundo Sexo” com a emblemática frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 2009, p.267). A palavra gênero foi atribuída como fruto de uma construção social, essa ideia apontava refutação ao determinismo biológico. Durante uma investigação histórica, o termo é definido como “uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado” (SCOTT, 1995 p.75).

Ao entender sobre gênero é importante falar sobre a violência de gênero, que surge historicamente através da opressão que é exercida sob o aparelho sexual (ROCHEFORT, 1978). A dominação masculina é segundo Bourdieu (1995) invisível e não questionada, referindo-se a uma condição natural das coisas. Essa violência caracterizou-se como simbólica, surgindo como um conceito social do qual é abordado uma forma de violência, causando danos psicológicos e morais, sem força física. Nessa abordagem de dominação observam-se a sugestividade de posições subordinadas femininas em relação ao masculino (OSTERMANN; FONTANA, 2010).

As mortes resultantes de conflitos de gênero têm sido intituladas de feminicídios, termo de natureza política, que se refere a qualquer demonstração ou execução de relações desiguais de poder entre homens e mulheres que resulte com a morte de uma ou várias mulheres pela condição de ser mulher (MENEGHEL; PORTELLA, 2017). Nesse contexto foi sancionada em 19/03/2015 a Lei n. 13.104/2015 de autoria da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito da Violência contra a Mulher, onde torna o assassinato da mulher em razão de gênero (feminicídio), como crime de homicídio (MELLO, 2015).

Outra conquista do movimento feminista é a Lei 11.340/2006, que surge no combate a violência contra mulher. A Lei Maria da Penha define e torna crime a violência doméstica, (SAFFIOTI, 2004). A Lei determina cinco categorias de violência doméstica, são elas: violência física que é caracterizada por qualquer ato que lese a saúde corporal. A violência sexual diz respeito a qualquer atitude que force a vítima a participar, presenciar ou manter relação sexual sem consentimento. Na violência patrimonial o acometedor toma ou desfaz dos objetos da vítima. A violência moral está presente em qualquer forma de agressão assumida ao cometer injúria e difamação, prejudicando a reputação da mulher. A violência psicológica, considerada por muitas mulheres a mais difícil de ser superada, ocorre por

meio de humilhações que reduzem a autoestima, provocando através da intencionalidade danos emocionais (AMARAL; AMORIM, 2015).

Associado a violência psicológica encontra-se o relacionamento abusivo, que é caracterizado com a perpetuação da violência através de via simbólica, ocorrendo de forma invisível e sutil, onde predomina o excesso de poder sobre o outro. Partindo desta noção, entende-se que inclui comportamentos não-físicos (MACHADO; GROSSI, 2015). De acordo com Casique e Furegato (2006) é de suma importância compreender que a maioria daqueles que exercem e os que sofrem o abuso emocional não tem consciência de que estão numa relação abusiva sofrendo a violência psicológica, uma vez que o núcleo social acredita, apesar dos estudos acerca do tema, das leis e das políticas públicas, que a violência resume-se em toda a agressão física visível.

Para compreender porque as mulheres continuam no relacionamento violento, em 1979, a psicóloga americana Lenore Walker elaborou a teoria do Ciclo da Violência, abordado como um sistema circular contido em três fases, sendo a primeira fase da tensão, a segunda fase dita como explosão da violência, na terceira fase, declarada como a da lua-de-mel, o agressor desculpa-se com a vítima pelas agressões. O ciclo determina-se pela recorrência constante no tempo, agravando-se mais os ataques violentos, podendo culminar em feminicídio. Nesse ciclo, observa-se a permanência da mulher na espera da fase lua-de-mel, pois existe na vítima a crença na mudança do agressor (MARQUES, 2007).

Verificando-se a importância de realizar trabalhos nessa área, a pesquisa visou analisar a saúde mental de mulheres que vivenciaram ou estão em relações abusivas, identificando o que as mantém no relacionamento e verificar as consequências psicológicas que essas relações trazem para as diversas áreas da vida da mulher. A pesquisa justifica-se a partir da observação de relações abusivas no cotidiano, e na dificuldade das mesmas em perceber que estão nesse tipo de relacionamento por não sofrerem agressão física, em decorrência da normatização da sociedade frente a abusos emocionais. Ressalta-se também que a violência contra a mulher ainda é banalizada, uma vez que, a implementação de leis e políticas públicas no combate à violência contra a mulher não são eficazes como deveriam, ao observar os índices das agressões que aumentam ao invés de diminuir.

2 | MATERIAIS E MÉTODOS

Nesse trabalho foi definida a pesquisa na modalidade de Pesquisa Prática de Campo, com abordagem quantitativa e qualitativa. A pesquisa se deu em uma instituição de ensino superior, localizada em uma cidade do interior do estado de Goiás. A amostra de vinte mulheres estabelecida para o estudo foi atingida, onde participaram da primeira etapa da pesquisa, através da entrevista estruturada, 65 mulheres entre funcionárias e acadêmicas dos cursos do período noturno oferecidos na instituição em que a pesquisa ocorreu. Dentre as participantes, 36 foram identificadas como vítimas de violência doméstica

e relacionamento abusivo. Das 36 mulheres que foram selecionadas para a segunda etapa da pesquisa apenas 20 mulheres que concordaram em participar do estudo, com idade de 18 a 64 anos.

O critério de inclusão aplicou-se a mulheres que se enquadraram em pelo menos três dos cinco tipos de violência doméstica, no qual um deles foi necessariamente a violência psicológica, e ser funcionária ou acadêmica do período noturno da instituição em que a pesquisa ocorreu. O critério de exclusão aplicou-se a mulheres que não foram vítimas de violência doméstica segundo a Lei 11.340/2006 e que não são funcionárias ou acadêmicas da instituição. Todas as participantes são maiores de 18 anos.

Foram utilizados roteiros de entrevista estruturada e semiestruturada. Na entrevista estruturada houve a elaboração de perguntas previamente estabelecidas, para garantir uma entrevista mais uniforme, com intuito de obter o máximo de informações com perguntas objetivas para todas as entrevistadas. A entrevista semiestruturada deu-se por uma conversação, e teve como foco a relação abusiva, o que as manteve na relação e suas consequências. Essa técnica foi escolhida em razão de sua flexibilidade e a possível adaptação caso seja necessário. As entrevistas foram realizadas na clínica escola de Psicologia da Faculdade Morgana Potrich - FAMP.

O processo de tratamento dos resultados foi realizado em duas etapas. Primeiro, por meio da análise das respostas assinaladas na entrevista estruturada com a finalidade de identificar mulheres que viveram ou estão vivendo em uma relação abusiva onde predomina a violência psicológica de acordo com a Lei 11.340/2006 e selecionar as vinte primeiras mulheres que se enquadraram nos critérios de inclusão para a segunda etapa da pesquisa, que consiste em uma entrevista semiestruturada. Na segunda etapa, o tratamento dos dados se deu por meio da análise do discurso, a partir dos dados levantados nas entrevistas.

Os procedimentos éticos da pesquisa com seres humanos foram integralmente respeitados, assegurando sigilo e confidencialidade dos dados obtidos, atendendo, assim, à Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

A pesquisa não trouxe riscos à vida da participante, porém pode ter acarretado conflitos no relacionamento com o seu parceiro íntimo, uma vez que pode ter ocasionado a tomada de consciência da mulher em estar em uma relação abusiva. Foi oferecido todo apoio as participantes e as mesmas puderam se retirar da pesquisa a qualquer momento.

Os nomes das participantes foram substituídos por nomes fictícios, para total proteção de sua identidade e todas foram informadas que terão, mesmo após o encerramento da pesquisa, suas identidades protegidas.

3 | RESULTADOS

Com base nos dados levantados, foi possível observar que das 65 mulheres que responderam o questionário estruturado, 57 mulheres sofreram algum tipo de violência

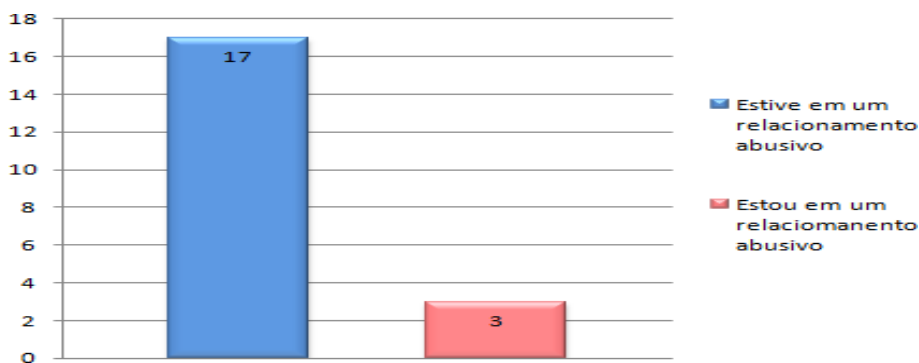
segundo a Lei 11.340/2006.



3.1 Figura 1. Quantidade de mulheres que sofreram violência doméstica.

Fonte: próprio autor.

Como apresentado no gráfico acima, 52 mulheres sofreram violência psicológica e moral, 26 foram vítimas de violência física, 25 mulheres violência sexual e 9 mulheres violência patrimonial.



3.2 Figura 2. Quantidade de mulheres que estão ou estiveram em relacionamentos abusivos.

Fonte: próprio autor.

Na figura 2, pode ser identificado que das 20 mulheres que participaram da segunda etapa da pesquisa, 3 mulheres estão em relacionamento abusivo e 17 que já estiveram em relações abusivas.

Com base no roteiro de entrevista semiestruturada foi possível observar que 3 participantes se manteve em menos de um ano em uma relação abusiva, 5 participantes entre um a dois anos, 5 participantes entre dois a três anos, 2 participantes entre três a cinco anos e 5 participantes mais de cinco anos.

CONSEQUÊNCIAS DE RELAÇÕES ABUSIVA	
SINTOMAS APRESENTADOS DURANTE E APÓS A RELAÇÃO ABUSIVA	NÚMERO DE MULHERES QUE ASSINALARAM
Alterações psíquicas	7
Ansiedade/ Baixa auto-estima	14
Baixo rendimento no trabalho/ Depressão/Distúrbios de estresse pós-traumático/ Influência negativa na vida sexual da pessoa vitimada	4
Comportamentos suicidas/ Síndrome de pânico	2
Constrangimento/ Vergonha/ Dificuldade em criar laços e em construir relações	11
Dificuldade em confiar/ Angústia/Irritabilidade/ Sensação de vazio	12
Distúrbios da alimentação	5
Fobias/ Disfunções sexuais	3
Ideações suicidas/ Comportamentos destrutivos	6
Isola-se frente ao medo/ Mudanças bruscas de peso/ Distúrbios do sono/ Falta de esperança/ Sentimento de culpa	9
Perda de memória	1
Sentimento de incapacidade	10

3.3 Quadro 1. Consequências de relações abusivas na vida da mulher, Mineiros - GO, setembro a outubro de 2018.

Fonte: próprio autor.

O quadro 1 apresenta as consequências de uma relação abusiva, identificadas a partir dos dados levantados na pesquisa.

4 | DISCUSSÃO

A violência doméstica afeta mulheres de todas as idades, classes sociais e regiões. Na contemporaneidade, a violência contra as mulheres é entendida como um fenômeno estrutural, de responsabilidade da sociedade como um todo (SÁ; WERLANG, 2013). Segundo o artigo 5º da Lei Nº11.340 de 7 de agosto de 2006, a definição de violência doméstica é supracitada como “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial”. No Art. 7º são formas de violência contra a mulher, violência física, sexual, moral, patrimonial e psicológica (BRASIL, 2006).

De acordo com as teorias do patriarcado, a subordinação do feminino surgiu a partir

da necessidade de homens dominarem as mulheres, como supracitados a seguir “pouco a pouco foram havendo modificações na estrutura social das clãs, e com a prática da monogamia foi possível definir a paternidade, o que, junto com a propriedade privada, deu origem ao patriarcado” (PREHN, 1999, p. 60). Segundo Saffioti (1999) uma sociedade enraizada em uma cultura patriarcal dispõe de leis elaboradas por homens, nas quais o papel da mulher é de obediência e propriedade. As mulheres são as principais vítimas de violência doméstica, de acordo com o Ministério da Saúde (BRASIL, 2008).

A violência praticada contra a mulher, perpetrada por parceiro íntimo é uma das mais perversas e cruéis, comprometendo a saúde mental das vítimas. As consequências expandem-se em todos os contextos, sendo representados através de sintomas. As consequências em decorrência da violência perpetrada por parceiro íntimo podem causar implicações para a qualidade de vida, a saúde coletiva e individual, refletindo em perdas potenciais para as mulheres vítimas (OMS, 2012).

4.1 Violência física

A violência no âmbito doméstico, executada por parceiros íntimos tem como principal vítima as mulheres (PORTELLA, 2016). A violência física está descrita como qualquer ato que lese a saúde corporal ou integridade da vítima que é caracterizada por tapas, chutes, empurrões, perfurações, murros, tiros, queimaduras, dentre outros (BRASIL, 2011). De acordo com Pacheco (2010) a agressão física sucede atos de insubmissão das vítimas para com os agressores e em alguns casos a presença de comportamentos que fogem ao esperado de uma mulher recatada, segundo uma sociedade proeminente machista como é possível observar através dos relatos das participantes que foram vítimas de agressão.

“A primeira violência aconteceu quando meu filho tinha 1 ano, ele me agrediu com palavras, quando abri a boca para responder dizendo que cansei, ele me agrediu com um tapa, me empurrou para a parede, me enforcou e disse me responde de novo e eu respondi, ele me arrastou para a cama e em cima de mim me enforcou, consegui fugir. A segunda vez que sofri agressão, já tinha dois filhos, ele me enforcou e eu desmaiei. Me dei conta que tive uma experiência quase morte” (Simone).

“Em uma festa bebi e comecei a dançar, ele me tirou da festa pelo braço e puxou meu cabelo” (Clarice).

4.2 Violência sexual

A violência sexual diz respeito a qualquer atitude que force a vítima a participar, presenciar ou manter relação sexual sem consentimento, ou que anule ou limite a realização de seus direitos reprodutivos e sexuais. O abuso sexual é manifestado como o predomínio de poder de um gênero sobre o outro, colocado em prática através do corpo sexualizado (DREZETT, 2003). A relação sexual ocorre, muitas vezes, sob forma de coerção, onde as vítimas são induzidas a prática sexual mesmo sem o consentimento e vontade,

naturalizando essa prática como uma obrigação dentro do matrimônio e das obrigações conjugais. Inúmeras mulheres relatam situações de insistência no ato sexual por parte do parceiro, apesar da mesma não sentir vontade. Situações recorrentes em abuso sexual é a ausência de denúncias por parte das vítimas ou procura por serviços especializados (VERNECK, 2010). O sexo cedido sob resistência é recorrente, mas pouco nomeado como violência, como segue nos relatos das vítimas de violência sexual.

“Meu filho mais velho foi planejado no namoro, os outros dois foi forçado. Dormia de calça jeans, trancava o quarto, pois sabia que ele iria chegar bêbado. Eu não podia tomar anticoncepcional, e ele nunca usaria preservativo. Não permitia que eu usasse DIU, me ameaçou se eu prevenisse” (Simone).

“Quando estava com ele me tratava mal, aconteceu de uma vez não querer ter relação, mas fizemos, fiquei parada enquanto ele fazia aquilo, fiquei com nojo, mas com o tempo fui esquecendo” (Amélia).

“Perdi minha virgindade com ele. Ele terminava comigo porque não fazia sexo com ele, dizia que iria me trair senão fizesse o que queria. Beijos e toques indesejados era sempre. Ele não usava camisinha porque se eu engravidasse não iríamos ficar separados” (Joana).

4.3 Violência patrimonial

De acordo com a Lei Maria da Penha (2006) a violência patrimonial está descrita na destruição de bens materiais, o acometedor tem como conduta a subtração, retenção e destruição dos objetos da vítima, tais como, documentos pessoais, recursos econômicos e ferramentas de trabalho. Controle de recursos econômicos da vítima, onde há o impedimento de gastos para suprir necessidades pessoais por parte do agressor, como foi possível identificar no relato de Leila, vítima de violência patrimonial.

“Ele controlava o que eu iria comprar com meu dinheiro” (Leila).

4.4 Violência moral

Para Bandeira (2015) a violência moral está existência de qualquer forma de agressão emocional assumida ao cometer injúria e difamação, prejudicando a reputação da mulher, podendo ocorrer através de atitudes, gestos, olhares e até mesmo na presença de ofensa verbal. O abuso moral pode ser exemplificado como humilhação, ridicularização, desqualificação da sexualidade, desvalorização cotidiana da mulher como pessoa, de seu corpo, de sua personalidade, de suas capacidades cognitivas, de seu valor moral, de seu trabalho, dentre outras. A definição de violência moral da autora é similar a definição de violência psicológica contida na Lei Maria da Penha, experienciada por Ângela, como é possível observar em seu relato.

“Quando ele me pedia para não usar uma roupa e eu usava, ele me puxava pelo braço e me xingava na frente dos amigos dele dizendo você tá parecendo uma puta com

esses shorts” (Ângela).

4.5 Violência psicológica

Considerada uma forma sutil de violência e invisível aos olhos, a violência psicológica é considerada por muitas mulheres a mais difícil de ser superada, ocorrendo por meio de humilhações que reduzem a autoestima, provocando através da intencionalidade danos emocionais. O agressor controla o comportamento da vítima mediante ameaça, manipulação, vigilância constante, insulto, ridicularização, ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à autodeterminação e à saúde psicológica. Em relações abusivas o perpetrador da violência culpa a vítima pela relação abusiva e pelas violências praticadas (MILLER, 1999). Como confirma os depoimentos seguintes.

“Me dava muitos presentes e na maioria eram roupas que ele queria que eu vestisse. Ele dizia que só ele conseguia me amar, porque eu não era tão bonita como as garotas da minha idade, que eu era burra, e que eu não era sociável. Toda vez que brigava com agressão física ou não, me culpava pelas agressões. Quando terminamos ele ameaçava de se matar. Depois começou a dizer que se eu não ficasse com ele não ficaria com mais ninguém. Ele fazia perfis fakes e me ameaçava” (Joana).

“Nas relações sexuais se não era satisfatório, como ele queria, então me agredia com palavras me deixando pra baixo” (Maria).

“Ele queria colocar a culpa de tudo em cima de mim, eu era culpada de nós não darmos certo. Ele me culpava pelas roupas, pelos rapazes me olharem” (Ângela).

Dentre a violência psicológica pode-se citar como abuso o termo Gaslighting, que surgiu em 1944 com o filme “Gaslight”. O gaslighting é uma violência emocional que ocorre através da manipulação psicológica, com distorção e até mesmo ocultação de informações, que leva a vítima e todos ao seu redor acharem que ela enlouqueceu, com a finalidade de favorecer o abusador (LIGUORI, 2015).

“Vi mensagens dele pedindo foto nua da amiga e ele me fez acreditar que era algo da minha cabeça” (Marta).

“Ele ficava muitas noites fora, eu questioneei sobre isso e ele dizia que era coisa da minha cabeça. Quando terminamos descobri que ele tinha outra pessoa, por isso ficava fora a noite” (Leila).

De acordo com Baierl (2004) o abusador afasta as vítimas de pessoas que possam reforçá-las positivamente, tirando dessas mulheres uma rede de apoio. Ao denegrir a reputação de amigos e familiares da vítima, o abusador atinge o objetivo de afastá-la, e inicia o exercício de controle emocional ao afirmar que ninguém gosta da vítima. Em muitos relatos transcritos é possível perceber o ato de abuso do agressor para com a vítima.

“Ele me afastou de amigas. Falava que elas eram pra frente, que elas saíam sozinhas para se encontrar com homens” (Clarice).

“Para ele todas as minhas amigas eram putas e queriam falar de macho, meus pais

eram trouxas e ninguém gostava de mim” (Sofia).

4.6 Permanência da mulher vítima na relação abusiva

Para Cardoso (1997) aspectos culturais podem contribuir para a permanência de mulheres em relações abusivas, uma vez que impõe para a mulher um papel feminino tradicional onde devem manter-se em uma relação duradoura como sinônimo de sucesso, ressaltando que o ciclo da violência foi desenvolvido para explicar a permanência de mulheres vítimas nesses relacionamentos, assim o ciclo, que vai da agressão ao pedido de perdão, onde o agressor diz estar arrependido e faz promessas de mudança de comportamento (BRITO, 1999). Para Marques (2005) a permanência de mulheres em relações abusivas fez-se a partir de crenças ao acreditarem que não encontraria outra pessoa, amor pelo parceiro e, portanto, suportariam as dificuldades, na esperança de uma possível mudança do parceiro. Outros fatores que contribuem, são cuidados com os filhos, valores sociais e questões econômicas.

“Eu não tenho forças para sair. Eu sempre penso que não vou conseguir ninguém” (Clarice).

“Terminamos duas vezes, na primeira foi uma discussão feia e na segunda ele me bateu, jogou coisas em mim. Depois me procurou chorando, disse que tinha mudado, que Deus tinha entrado na vida dele e não faria mais nada comigo. Eu me mantive nessa relação na esperança de que ele só fazia isso por causa do uso das drogas, que ele iria voltar a ser como era no começo da relação” (Sofia).

“Nas agressões eu dizia que nunca mais iria voltar, mas ele se desculpava, dizia que não iria mais fazer isso, dizia que iria mudar, que estava bêbado” (Simone).

“Eu gostava dele, existia os momentos bons, existia valores em construir uma família. Tinha a crença de que casamento era para vida toda e aquele provérbio da bíblia machista de que a mulher tem que edificar seu lar. Procurava igreja e eles me enchiam de esperança” (Marina).

4.7 Principais consequências da relação abusiva

As principais consequências encontradas foram de esfera psicológica, nas quais os sintomas psicológicos frequentemente encontrados em vítimas de relação abusiva foram falta de concentração, baixa autoestima, irritabilidade, falta de apetite, diminuição da libido, dificuldade em confiar e se relacionar e o surgimento de problemas psíquicos como a ansiedade, depressão, síndrome do pânico, estresse pós-traumático, além de comportamentos autodestrutivos, ideações e tentativas de suicídio (WILHELM; TONET, 2007).

“A principal consequência foi eu deixar de acreditar em mim, no meu potencial. Não acreditava ser boa” (Patrícia).

“Depois dessa relação não confio nas pessoas, homens quer dizer. Acho que tenho

que fazer tudo o tempo todo para dar certo. Tenho medo do abandono, me tornei muito insegura e angustiada. Comecei a acreditar no que ele falava, sobre eu ser louca” (Sofia).

Além disso, a violência contra a mulher perpetrada por parceiro íntimo causa danos físicos e psicológicos para a mulher, mas também implica riscos para terceiros, como filhos e familiares mais próximos. As crianças frutos de uma relação abusiva tem grandes probabilidades de sofrer com ansiedade, depressão, transtornos de conduta e atrasos no desenvolvimento cognitivo (SILVA, 2007), como apresenta o relato de Simone.

“Me tornei uma inútil. A pessoa que eu era morreu. Tem quatro pessoas dentro da minha casa doente psicologicamente por consequência dessa relação” (Simone).

São inúmeras as consequências de violência sexual para as vítimas. As mulheres vítimas estão mais propensas ao desenvolvimento de sintomas psiquiátricos, depressão, somatizações, ideações e tentativas de suicídio. Evidenciou-se que após abusos sexuais, o cotidiano de mulheres foi de sofrimento psíquico, limitando sua vida, especialmente no desempenho das atividades sociais tais como, trabalho, escola e relações afetivo-sexuais (NUNES; LIMA; MORAIS, 2017).

“Foi meu primeiro e único namorado, eu tenho medo de passar por isso de novo. Não consigo ter relacionamentos. Eu não consigo de forma alguma ter libido, não sinto vontade, não sinto prazer. Nada que eu faça faz ter minha libido de volta” (Maria).

Outra consequência, segundo Montesanti (2016) provém do termo *Maninterrupting* que surgiu em 2015, tendo como junção duas palavras em inglês (*man* + *interrupting* = homens que interrompem). Os homens interrompem, ou impede que mulheres possa falar porque foram ensinadas a calar. No discurso a seguir foi possível identificar esse abuso e a consequência que o mesmo gerou na vida da vítima.

“Não consigo ser social, toda vez que abria a boca ele me apertava, dizendo: Pra que vai abrir a boca se você não sabe conversar” (Simone).

5 | CONCLUSÃO

O propósito desta pesquisa foi analisar a saúde mental de mulheres em relações abusivas, através da identificação das consequências que essas relações trazem nos diversos contextos da vida da mulher. Foi possível constatar que estudos acerca de abuso emocional, violência psicológica e relacionamento abusivo ainda precisam ser desenvolvidos. Há uma carência de materiais voltados à permanência de mulheres em relacionamentos abusivos e a dificuldade das mesmas em sair desse relacionamento, tanto internacional quanto nacional. Portanto faz-se necessário o progresso de estudos que possam reduzir danos através da didática, ampliando informações a respeito desta temática. A relação abusiva trata-se de um fenômeno de alta prevalência, violando os direitos humanos, assim sendo um problema de saúde pública. No decorrer dessa pesquisa, foi possível observar a dificuldade de enfrentamento da violência por parte das vítimas de

violência doméstica, em decorrência da naturalização desses abusos, onde se agrava na ausência de denunciar as agressões sofridas, silenciando-se. Foi possível concluir que a violência, independente da forma que é manifestada, ainda é banalizada e que o agressor na maioria dos casos não é responsabilizado pelos atos cometidos. Com base na pesquisa realizada, foi possível constatar através dos resultados e da análise dos discursos das participantes, que as consequências fruto de uma relação abusiva expande-se em todos os contextos da vida da mulher, seja ela física ou psíquica, surtindo efeitos na vida sexual das vítimas, baixo autoestima, mudanças drásticas de peso, e de acordo com os relatos, danos a terceiros, como filhos e familiares mais próximos. Percebe-se, portanto, a necessidade de que a relação abusiva seja estudada e pesquisada de modo aprofundado em todas as manifestações presentes no contexto sociocultural. Encontraram-se fragilidades na assistência dos serviços ofertados pelas redes de apoio para mulheres em situação de violência doméstica perpetrada por parceiro íntimo. Neste sentido, é imprescindível que as redes de apoio tenham em sua equipe pessoas preparadas e especializadas ao atendimento de mulheres fragilizadas em decorrência de relações abusivas, uma vez que foi percebido o despreparo profissional para o acolhimento da mulher e falhas na reparabilidade do atendimento.

REFERÊNCIAS

AMARAL, A. P. M.; AMORIM, E. C. R. **A Lei nº 11.340/2006 – Lei Maria da Penha – como fruto dos compromissos internacionais assumidos pelo Brasil e sua condenação pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos**. Justiça do Direito. Mato Grosso do Sul: 2015. Disponível em: <<http://www.seer.upf.br/index.php/rjd/article/viewFile/5586/3801>>. Acesso em: 28/10/2018.

BAIERL, L. F. **Medo social: da violência visível ao invisível da violência**. São Paulo: Cortes; 2004. p. 37-50.

BANDEIRA, L. M. **Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação**. Revista Sociedade e Estado, v. 29, n.2, Brasília, ago. 2015.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOURDIEU, P. A dominação masculina. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

BRASIL (2006). Lei Maria da Penha - Lei Federal 11.340 de 7 de agosto de 2006, Presidência da Republica. Recuperado 21 de dezembro de 2017. Disponível em: <<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/95552/lei-maria-da-penha-lei-11340-06>> Acesso em: 27/10/2018.

BRASIL, **Lei nº 11.340/2006**, de 07 de agosto de 2006. Dispõe sobre Lei Maria da Penha, DF: Senado, 2011.

BRASIL. Lei Maria da Penha. Lei n. 11.340/2006. Coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher. Presidência da República, 2006. Disponível em: <<http://adcon.rn.gov.br/ACERVO/spmrn/DOC/DOC00000000076385.PDF>> . Acesso em: 27/10/2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Temático prevenção de violência e cultura de paz II. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde. (Painel de Indicadores do SUS; n. 5). 2008.

BRITO, B. R. P. Casas-abrigos: Um espaço de apoio e de solidariedade versus uma visão assistencialista. **Jornal da Rede Saúde**, 19, 3-4.1999.

CARDOSO, N. M. B. **Psicologia e relações de gênero**: A socialização do gênero feminino e suas implicações na violência conjugal em relação às mulheres. In A. Zanella, M. J. T.1997.

CASIQUE, L.; FUREGATO, A. R. F. Violência contra mulheres: reflexões teóricas. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. Brasil, v.14, n.6, nov./dez. 2006.

DREZETT, J. Violência sexual contra a mulher e impacto sobre a saúde sexual e reprodutiva. **Revista de Psicologia da UNESP**. São Paulo. v.2, n.1, 2003.

LIGUORI, M. **O machismo também mora nos detalhes**. São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://thinkolga.com/2015/04/09/o-machismo-tambem-mora-nos-detalhes>>. Acesso em: 13/10/2018.

MACHADO, I. V.; GROSSI, M. P. Da dor no corpo à dor na alma: o conceito de violências psicológicas da Lei Maria da Penha. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 561- 576, mar/ago. 2015.

MARQUES, D. F. Violência contra a mulher: sedução e morte nas relações afetivas. **Revista da Faculdade de Direito da UFMG**, Belo Horizonte, nº 50, p. 93-123, jan./jul. 2007.

MARQUES, T. M. **Violência conjugal: estudo sobre a permanência da mulher em relacionamentos abusivos**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 2005.

MELLO, A. Femicídio: breves comentários à lei 13.104/15. **Direito em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 47-100, 2º sem. 2015.

MENEGHEL, S. N.; PORTELLA, A. P. **Femicídios: conceitos, tipos e cenários**. Ciência & saúde coletiva. Rio de Janeiro: 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v22n9/1413-8123-csc-22-09-3077.pdf>>. Acesso em: 27/09/2018.

MILLER, M. S. **Feridas invisíveis**: abuso não-físico contra mulheres. Tradução Denise Maria Bolanho. São Paulo: Summus, 1999.

MONTESANTI, B. 'Manterrupting': a prática sexista de interromper uma mulher quando ela está falando. In: **NEXO JORNAL LTDA**. 2016. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/09/28/%E2%80%98Manterrupting%E2%80%99-a-pr%C3%A1tica-sexista-de-interromper-uma-mulher-quando-ela-est%C3%A1-falando>>. Acesso em: 22/10/2018.

NUNES, M. C. A., LIMA, R. F. F., MORAIS, N. A. Violência Sexual contra Mulheres: um Estudo Comparativo entre Vítimas Adolescentes e Adultas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37 n°4, 956-969. Out/Dez. 2017 Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/2820/282054658009.pdf>>. Acesso em: 28/10/2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: Ação e produção de evidências. Organização mundial da saúde, 2012. Disponível em: <http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/44350/3/9789275716359_por.pdf>. Acesso em: 20/09/2018.

OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. **Linguagem, gênero, sexualidade**: clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 166.

PACHECO, L. F. **Violência Doméstica contra a Mulher**. 2010. Disponível em: <<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/651/luiza%20tcc.p df?sequence=1>>. Acesso em: 03/10/2018.

PORTELLA, A. P. Cultura Patriarcal, Desigualdades Sociais e Criminalidade: Uma Armadilha Fatal Para as Mulheres. **Revista Interesse Nacional**, São Paulo, p. 22 - 28, 01 out. 2016.

PREHN, D. R. Divisão sexual do trabalho: isso é coisa de mulher? *In*: **Gênero por escrito**: saúde, identidade e trabalho. Marlene Neves Strey (Org.). Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

ROCHFORT, C. **O mito da frigidez feminina**. *In*: Liberação da Mulher: Ano Zero, 1978, Belo Horizonte, Interlivros p. 45-60.

SÁ, S. D., & WERLANG, B. S. G. Personalidade de mulheres vítimas de violência doméstica: uma revisão sistemática da literatura. **Contextos Clínicos**, v.6, n.2. Porto Alegre. 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.4013/ctc.2013.62.04>>. Acesso em: 01/10/2018.

SAFFIOTI, H. I. B. . **Já se mete a colher em briga de marido e mulher**. São Paulo em Perspectiva, v.13, n 4, 82-91.1999.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995.

SILVA, L.L. ET AL. Violência silenciosa: violência psicológica como condição de violência física doméstica. **Interface - Comunicação**, Saúde, Educ., V.11, n.21, p.93-103, jan / abr 2007.

VERNECK, Barbara. **Violência Sexual**. Rio de Janeiro. 2010. Disponível em: <<http://www.coladaweb.com/direito/violencia-sexual>>. Acesso em: 01/10/2018.

WILHELM, F. A; TONET, J. **Percepção sobre a violência doméstica na perspectiva de mulheres vitimadas**. *Psicol. Argum.*, Curitiba, v. 25, n. 51, p. 401-412, out./dez. 2007.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abordagem centrada na pessoa 22, 23, 24, 26, 28, 29, 30
Acelerador 146, 147, 152, 155
Adaptação cultural 119, 120, 124, 125, 130, 134
Adolescência 26, 27, 82, 100, 103, 105, 114, 116, 117, 118, 123, 132, 133, 134
Autonomia 24, 26, 53, 56, 78, 80, 85, 86, 106, 128, 129

C

Communities that care youth survey 119, 120, 123, 124, 127, 131, 132, 134
Comportamento hiperativo 88, 89, 90, 93, 94, 95, 96, 97, 98
Compreensão empática 22, 23, 24, 25, 26, 29
Confusão de línguas 1, 2, 3, 4, 7, 9
Consciente 13, 25, 142, 146, 147, 148, 151, 152

D

Diagnóstico diferencial 135, 136, 141, 143, 144
Dinâmica de grupos 78

E

Enfermeiro(a) 100, 103, 104, 110, 114, 115
Envelhecimento 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 55, 58, 59
Espiritualidade 123, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145

F

Fatores de risco e proteção 119, 120, 121, 122, 123, 125, 128, 131, 133, 134

I

Instrumento de avaliação 119, 120, 130

L

Literatura 1, 2, 3, 4, 7, 8, 23, 44, 45, 49, 53, 60, 117, 119, 122, 135

M

Medicalização na educação 88, 98

P

Projeção 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 155
Psicanálise 1, 2, 4, 7, 8, 9, 157

Psicodinâmica do trabalho 10, 11, 14, 18, 19, 20, 21

Psicologia 9, 10, 14, 22, 23, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 34, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 57, 58, 59, 64, 65, 68, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 87, 90, 91, 92, 99, 100, 103, 104, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 130, 132, 133, 134, 157

Psicologia social comunitária 78, 79, 80, 84, 86

Psicólogo(a) 11, 22, 24, 33, 79, 80, 85, 86, 87, 99, 100, 103, 104, 112, 113, 116, 118, 132, 133, 157

Psicoterapia 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 48, 113

Psiquiatria 135, 144

R

Recinologia 146

Relação abusiva 31, 33, 34, 35, 36, 39, 40, 41, 42

Relações de gênero 31, 43

Religião 105, 122, 135, 136, 137, 140, 141, 142, 143, 144, 145

Rodas de conversa 88, 89, 93

S

Sándor Ferenczi 1, 2, 3, 9

Saúde emocional do trabalhador 10, 18

Saúde mental 12, 18, 31, 33, 37, 41, 131, 132, 133, 135, 136, 139, 140, 141, 143, 144

Senescência 45, 49, 51, 52, 57

Sistema de prevenção 119, 120, 122, 125, 128, 129, 130

T

Trabalho escravo contemporâneo 10, 17, 21

V

Velhice 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60

Violência doméstica 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 42, 43, 44, 100, 101, 102, 103, 104, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 118

A PSICOLOGIA COMO CIÊNCIA

e seu(s) objeto(s) de estudo 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](#) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

A PSICOLOGIA COMO CIÊNCIA

e seu(s) objeto(s) de estudo 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 